

ANTES QUE ESFRIE

Walden Carvalho

Há um leve cheiro de chuva no ar, embora não tenha havido alteração alguma em nada. A cidade está posta como um jarro de coloridas flores de plástico, só descobertas quando de bem perto. Secas e pegajosas as janelas espiam. Parecem cúmplices de algum assassinato. Tudo é úmido e desesperado. É preciso fugir. Alguém se move, e sinto que me incomoda. Não sou eu próprio, mas outra pessoa. Talvez sejam até muitas. Me sinto multiplicando. As pessoas pulsam assustadas. Do lado de fora cabe uma de cada vez. Ontem, por exemplo, dei uma grande volta pelo parque com um senhor. Queria dar pão para os peixes e me fez sair à procura de algum. Não sei quem é, nem como conseguiu sair. Enquanto existiu, foi de uma grande agitação. Devia estar aposentado há muito tempo. Talvez tivesse dois filhos e uma mulher com eczema. Surgiu de repente, sem nenhum sinal de que vinha. Explodiu agitado e ria muito. Existiu enquanto se formava no espaço um grande olho. Agora, não sei se os olhos são realmente grandes ou me tornei tão pequeno que eles tomaram a proporção que têm. O velho sumiu e de novo há uma grande confusão. Um tumulto em que nenhuma parte se entende. Estou num pedaço do grande verde do olho. É um grande campo, cujo fim é o mar e um outro continente. Me sinto estranho e antigo. Começo a me lembrar nitidamente da rua Rio de Janeiro e da Quarta Avenida. Ah, a bicha ruiva tinha uma pinta grande e me chamou de "Baby...". Agora tudo é real como o velho e os peixes. Me lembro de 1968,

67 e 66... As pessoas daquela época foram irremediavelmente mortas naquela época. Foi a grande fase das músicas, das falas, das deixas, dos brancos, dos textos, dos ritos, dos sustos... Uma lembrança ou outra de velhos fatos. Às vezes, até uma fotografia era possível.

Os Beatles acabaram e eu lamento. Muitas outras coisas acabaram. Às vezes tenho a impressão de que posso esticar um braço e tocar toda a época.

— Olha o sol. Vou bater uma foto. Entre as folhas.

— Que praça é esta?

— É a praça da Liberdade.

— Ah, então é aqui que fica o Palácio?

— É aquele lá atrás.

— Será que a gente pode entrar lá?

— Não sei, a gente pergunta.

As pessoas se agitam. Todos querem sair. De uma vez só. Quase um pânico. Assim não é possível. Talvez seja culpa do velho. Estou olhando para o lado oposto de onde está o olho.

A Quarta Avenida. É uma manhã lavada e cheia de brilhos no chão. Há um sujeito comendo maçã, parado no passeio como se de repente tivesse descoberto que é um bicho de duas pernas e duas garras, que mata animais para comer, e morre e acaba. Parece que descobriu que a vida dele é um acidente que deve ser desesperadamente mantido, e que mesmo isso é apenas um prolongamento da decadência que começou no instante em que o obrigaram a sair do útero de um outro animal igual a ele. Talvez estivesse apenas cansado. Tinha o aspecto dos que saem do trabalho com a consciência de que perderam mais algumas horas de vida, lidando com elementos absolutamente dispensáveis para a continuação da tragédia. Deve ter um filho doente e uma mulher que chora abraçada à porta toda vez que ele sai, porque o amor, quando volta, é em forma de uma dança triste e agonizante que liquida a última resistência física do dia. A casa era encardida e lem-

brava o pátio da Faculdade depois de vomitado por engenheiros que comemoravam o aniversário do computador lá deles, que era perfeito e coisa e tal, e capaz de identificar um pensamento incorreto em qualquer lugar. Pensei que o sujeito ia conversar comigo. Eu estava parado de frente para ele, mas olhava o chão porque é aí que descubro a vida dos outros. Não sei porque, mas me lembro agora de uma frase de que tenho profundo asco: "mens sana in corpore sano". Se minha mãe me visse, ia achar ruim. Sempre implicava. Nunca fazia exatamente o que ela queria.

— Meu filho, o quê que você está fazendo aí, que não tem nenhuma reação ? Não vê que o homem está te olhando ? Você sabe muito bem que quando uma pessoa mais velha olha pra gente, deve-se abaixar a cabeça e sair. Ou ouvir, se for o caso. A cabeça você abaixou, mas não saiu. Estou te observando direitinho. Onde aprendeu a teimar assim ? A educação que lhe ensinamos não foi essa. Vai pro outro lado, vai ! Se não vai, pelos menos disfarça. Que pessoa mais sem expediente ?! Eu vou ficar te observando dali. Quero ver só o que é que vai arranjar. E vê se me responde quando falo com você !

Foi. Era sempre a mesma coisa. Ficava meio nervoso quando mamãe começava com os sermões dela. Nunca pude fazer as coisas que quis. Ela era o olho que vigiava todos os meus passos, mesmos os mais silenciosos e discretos. Estava sempre vigiando, proibindo, corrigindo, xingando. Um dia ela muda. Alguém acaba com isso. Sentia uma enorme raiva e um gosto estranho na boca. Nunca senti gosto de sangue, mas devia ser o que me acontecia agora. Era uma espécie de gosto que cabia aos mais velhos. Coisas de minha mãe e meu pai. Era o tipo do negócio que não me deixava saber direito porque era muito novo etc. Eu não devia gritar e nem nada dessas coisas mas de repente vi a cara do sujeito muito perto da minha, assustada como se tentasse entender o que é que estava acontecendo. Se tiver que explicar pra mamãe porque é que foi, não sei, mas sentia uma vontade enorme de machucar aquele homem que, parado ali, na calçada, procurava

descobrir que sentido tinha o que lhe ocorria desde que tinha nascido. Alguém tinha saído de dentro de mim, e tinha um grande ódio. Eu não conhecia. Minha mãe, do outro lado, devia estar olhando com reprovação. Que gritaria era essa ? O homem estava vermelho. Uma língua grossa aparecia, com cuspe e pedaço de maçã. Minha mão tinha uma força que desconhecia e o pescoço dele era muito frágil. Parei de apertar quando comecei a me sentir feliz e calmo. Era uma paz mole e gostosa. Havia sangue. Passei o dedo e coloquei na boca. Era salgado e quente e lembrava cheiro de carne crua. Minha mãe olhava curiosa. Veio chegando.

— O que é que você está lambendo, sangue ? Deixa ver. Lambeu e ficou me olhando. Depois me deu um beijo longo que fez com que ficasse sem ar e o coração aos pulos. Fiquei excitado. Ficamos. Ninguém parou enquanto eu matava o homem. Não havia ninguém além de nós três, e os que estão aqui dentro.

— Vamos levar um pouco para o seu pai. Esse sangue me deixou meio excitada. Mesmo assim, não foi muito educado de sua parte. Seu pai não vai gostar do jeito que você fez a coisa. Podia ter sido um pouco mais fino, mais... discreto. Ela pegou o homem pelo ombro e eu pelos pés.

— Vamos logo, antes que esfrie.

Batemos asas juntos e subimos elegantemente, como convém. As raízes aristocráticas de minha família não permitiam outros deslizos além dos que já tive hoje. Gostava muito de voar. Desde pequeno. Mas nunca me deixavam ir muito longe. Comecei a sentir o doce vento do leste e alguma coisa que se agitava dentro de mim. Não sei quem era, mas sabia que era bom. Eu estava levemente excitado.